

CAPÍTULO 7

DO 285 DA RUA DE CEDOFEITA À METRÓPOLE – VIVÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES URBANAS

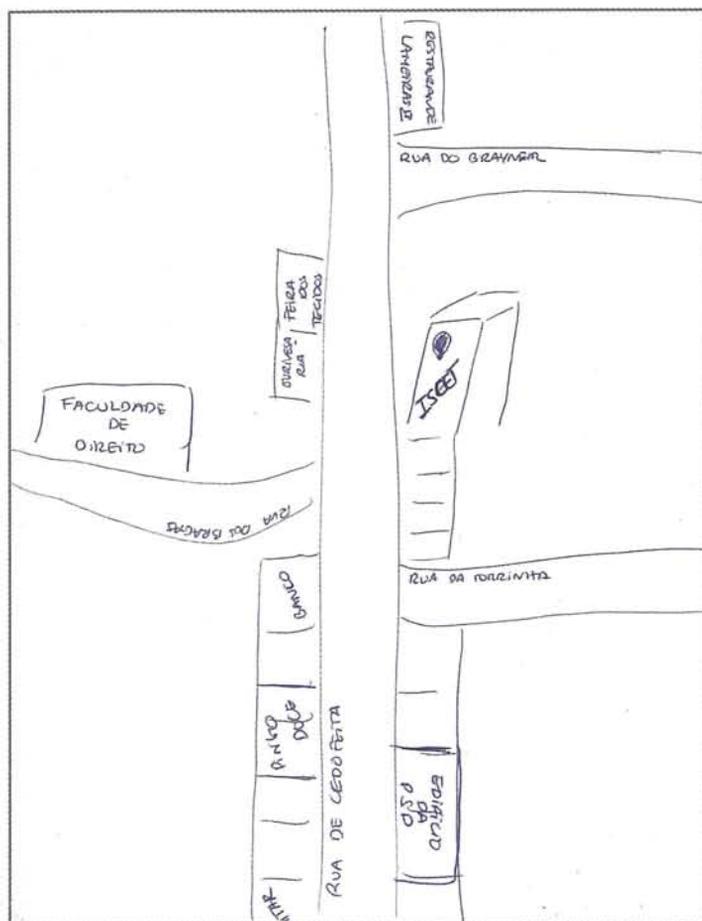
Hélder Santos > Teresa Sá Marques > Paula Guerra

1. Enquadramento

Este artigo enquadra-se num projecto de investigação mais amplo, em torno das representações dos espaços quotidianos vivenciados pelos agentes sociais. O estudo de caso aqui apresentado tem como objectivo de partida compreender as vivências socioterritoriais dos alunos a partir do ISCET, com um enfoque particular no território da cidade do Porto e da Grande Área Metropolitana do Porto.

Trata-se de reflectir sobre um conjunto de agentes sociais que partilham a condição comum de serem estudantes do ISCET e, tal como podemos constatar (figura 2), oriundos do território nacional, designadamente do espaço regional de proximidade que poderemos apelidar de Grande Porto ou mesmo Grande Região Metropolitana do Porto. As considerações que iremos desenvolver correspondem à análise e à interpretação dos resultados provenientes da administração de um inquérito por questionário a um conjunto de 177 respondentes dentro de um universo de 583 estudantes, aplicado de forma indirecta aos estudantes do ISCET em Maio de 2011, a partir do qual se elaboraram um conjunto de sínteses gráficas e cartográficas, assim como se procedeu a uma análise quantitativa e qualitativa dos mapas mentais produzidos pelos alunos que responderam ao questionário.

O capítulo estrutura-se em três partes. Num primeiro momento, proceder-se-á à revisão da literatura que sustenta esta investigação, dando particular relevo aos processos de metropolização, numa perspectiva dinâmica, acentuando os processos de construção da identidade metropolitana a partir das vivências quotidianas. A segunda parte centrar-se-á na caracterização das vivências metropolitanas dos alunos do ISCET, atendendo, nomeadamente, aos fluxos casa-escola, casa-trabalho e casa-espaços de lazer; aos espaços de vivên-

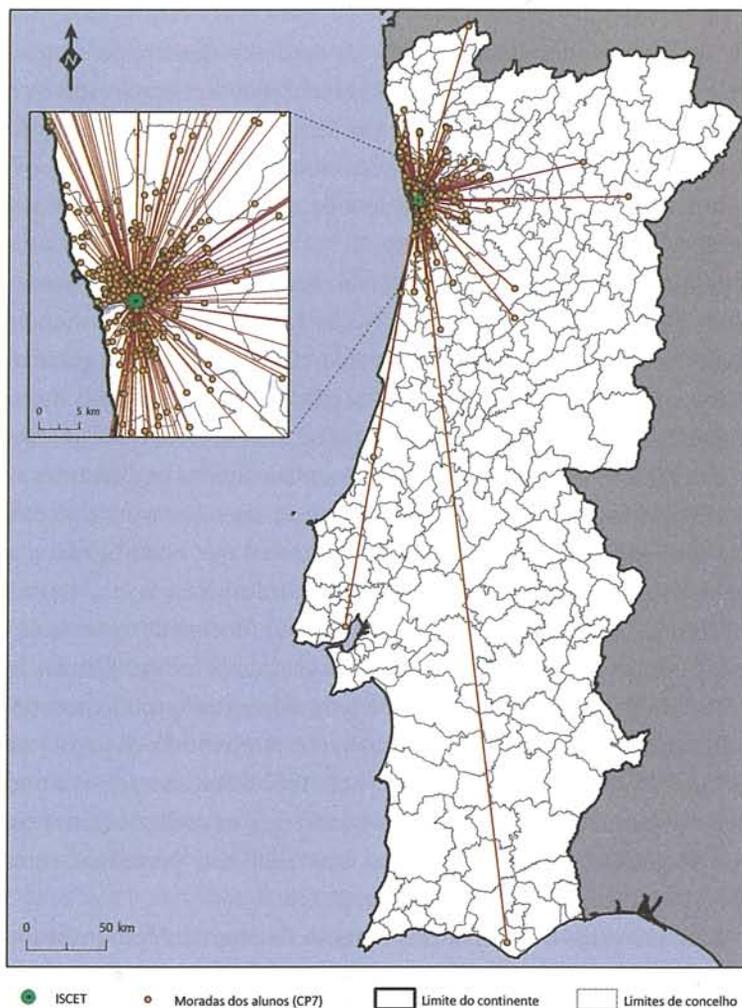


1. [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

cia de proximidade ao IS CET; aos espaços de vivência à escala metropolitana; e aos espaços de vivência virtual. A concluir, apresentar-se-á uma síntese dos eixos estruturantes das vivências sociais e representações simbólicas dos alunos do IS CET, materializadas no espaço urbano e metropolitano do Porto.

2. Pluralidades das vivências urbanas reflectem-se nas representações territoriais

Este artigo pretende explicitar de que forma o entendimento do processo de *metropolização* pode servir para a consolidação de uma imagem e identidade urbanas renovadas. Segundo Massimo Cacciari, em grego, «*polis* remete



2. Local de residência habitual dos estudantes do IS CET [Fonte: IS CET, 2011].

de imediato para uma ideia forte de enraizamento» (Cacciari, 2009: 9), sendo esta, aliás, a tradição do vocábulo dentro das raízes filosóficas do pensamento ocidental, como têm demonstrado de forma reiterada uma plêiade de pensadores (Habermas, 1987). Valerá a pena, a este respeito, termos presentes algumas das considerações de François Asher quando refere que «considerar a cidade como complexa e não só como complicada» pressupõe «que ela funcione tendo na base lógicas e racionalidades múltiplas eventualmente contraditórias; que forme um sistema aberto; que os seus equilíbrios são instáveis; que variações ligeiras podem engendrar mudanças consideráveis; que as evo-

luções são geralmente irreversíveis» (Ascher, 1998: 141). Assim, sustentamos a ideia de que as grandes cidades, longe de se desagregarem, recompõem-se, fazendo emergir novas centralidades, novas mobilidades, novos espaços públicos, novas formas de sociabilidade, novas formas de cidadania, novas formas de vivência e representação da *polis*, representando conseqüentemente os espaços não urbanos como espaços de vazio e de natureza quase ilegítima (Augé, 1998; Ascher, 1998).

(Re)construir a identidade regional metropolitana não é um processo fácil. Dentro da perspectiva, já clássica, de Kevin Lynch, o crescente aumento da metrópole e da velocidade com que a percorremos tem vindo a gerar muitos obstáculos à apreensão do espaço vivido, pois essa é uma relação de sentido que depende da forma e da qualidade espacial, mas também dos padrões culturais e das experiências em que se encontram envolvidos os diferentes actores sociais. Na abordagem de Kevin Lynch, importa reter que o sentido está vinculado a uma identidade e a uma estrutura formal que estão ligadas a aspectos qualitativos, tais como, a congruência, a transparência e a legibilidade (Lynch, 1981). Assim, se a metrópole é a unidade funcional suprema da nossa vivência, é importante perceber quais são os sentidos e as legibilidades feitos a propósito dela pelos que nela vivem os seus diferentes quotidianos, pois em última instância, a cidade é um *construto*, e só fará sentido enquanto objecto de construção e apropriações sociais (Lynch, 1981). Por isso, releva a noção de espaço social enquanto *topologia social* e incidente nas relações entre os indivíduos e sociedade, sendo de natureza imaterial mas percebido como um colectivo (Bourdieu, 1989; 2006; Guerra, 2003).

Reforçar as lógicas de inter-relacionamento e de articulação pressuporia, a partir daqui, perceber quais os pontos onde cada polaridade mostra já vantagens competitivas e reforçá-los numa lógica de imagem externa. Tal imagem externa, porém, só pode ser reforçada pela coesão da imagem interna. A imagem interna é simbiótica, vive das interprojectões das polaridades, que se reforçam ou enfraquecem mutuamente, e transmitem juntas um sentido de auto-estima ou desalento, que pode conduzir ou condicionar os destinos de uma metrópole num contexto mais vasto. Por isso, neste campo representacional, para Simmel «o espaço é uma forma que em si mesma não produz nenhum efeito. (...) Não são as formas da proximidade ou distância espaciais que produzem os fenómenos de vizinhança ou afastamento, por mais evidente que isto pareça. (...) Estes factos são produzidos exclusivamente por factores espirituais, e se se verificam dentro de uma forma espacial, e não têm em princípio mais relação com o espaço do que uma batalha ou uma conversação telefónica

possa ter com ele, apesar destes acontecimentos não se poderem efectuar a não ser dentro de determinadas condições espaciais. (...) O que tem importância social não é o espaço, mas as conexões das partes no espaço, produzidas por factores espirituais» (Simmel, 1986: 644).

Para François Ascher, a riqueza do que ele denomina por *espaços metropolitanos* «dependerá, em larga medida, das suas qualidades sensitivas, da sua capacidade de produzir eventos e da sua acessibilidade física» (Ascher, 1998: 59). E assim, prossegue, «os arquitectos e urbanistas, para prepararem este futuro hipersensível, deverão ter cada vez mais em conta o conjunto das dimensões sensoriais e vivenciais dos espaços que conceberão» (*idem, ibidem*). Ainda em 2009, Ascher enaltece a «urgência de se desenvolver um pensamento urbano de grande escala» (Masboungi, 2009: 37).

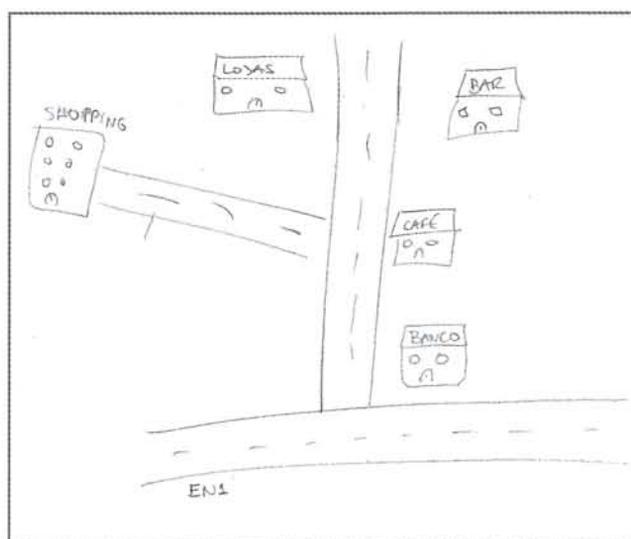
De um modo geral, diríamos que se trata de um pensamento urbano de *cidadania*, que permite que a sociedade civil se expresse e facilite ao poder gestor a identificação de problemas e estratégias de requalificação. Mesmo que estas estratégias se traduzam num sentido simbólico, pois também os símbolos e os ícones precisam de reinvenção para acompanhar a *metropolitanização do espírito* da população.

Assim, e com o objectivo de maximizar o papel da *consciência histórica* com o sentido que lhe foi dado por Walter Benjamin (1997), o ciclo de produção-apropriação deve ser simbiótico, mas deve servir a noção de *mudança* e não a sua supressão. Neste sentido, e porque, como nota Benjamin, 'também quem se distrai pode criar *hábitos*' fica aberto o caminho para a reflexão sobre a capacidade da cidade poder mobilizar, tanto nos hábitos culturais que induz como até no próprio reconhecimento da *dimensão do lazer*¹ no contexto contemporâneo, novos graus de exigência e uma nova urbanidade nos seus 'públicos': «Para o indivíduo particular, o lugar em que vive e o local de trabalho encontram-se, pela primeira vez, em oposição. O primeiro constitui o interior; o escritório é o seu complemento. O indivíduo que no seu escritório ajusta contas com a realidade exige que os seus interiores lhe mantenham as ilusões» (Benjamin, 1997: 73).

¹ A fusão entre arte e vida para a geração de uma «sociedade do espectáculo» (Debord, 1992) ou de uma «hiper-realidade» (Baudrillard, 2007) contribui para fomentar uma predisposição às formas culturais pós-modernas junto de uma audiência específica. No entender de Lash e Urry, as audiências compõem-se fundamentalmente de uma nova classe média, sendo que algumas das suas condições de existência favorecem a apetência por este tipo de formas culturais. Há uma transformação radical das indústrias culturais, com a instalação do pós-fordismo no lado da produção cultural (tornada pós-industrial, dirigida para nichos de mercado e respondendo a estilos de vida como serviços) e do «fordismo do consumo» (consumo de massa, que contudo não exclui a atomização) (1994).

Deste modo, «as tarefas que são apresentadas ao aparelho de percepção humana, em épocas de mudança histórica, não podem ser resolvidas por meios apenas visuais, ou seja, da contemplação. Elas só são dominadas gradualmente, pelo hábito, após a aproximação da recepção [pelo uso]» (*idem*, 77).

Merecem ainda referência as ilhas de visibilidade ou as invisibilidades no território metropolitano e os desafios que se colocam actualmente ao espaço público. Como refere Michel de Certeau (1990), a ausência e a exterminação dos nomes, e especificamente dos nomes *entre* os nomes, faz da cidade *uma ordem simbólica suspensa* (figura 3). E assim se cria, afinal, uma predisponibilidade para a possibilidade do invisível. Aquilo que não se retém por via de um qualquer mecanismo que assegure a retenção da atenção, do empenho e do investimento, por via de uma imaginabilidade, como diria Lynch (1981), não é visto, e contribui, assim, para uma fragmentação da imagem global da cidade.



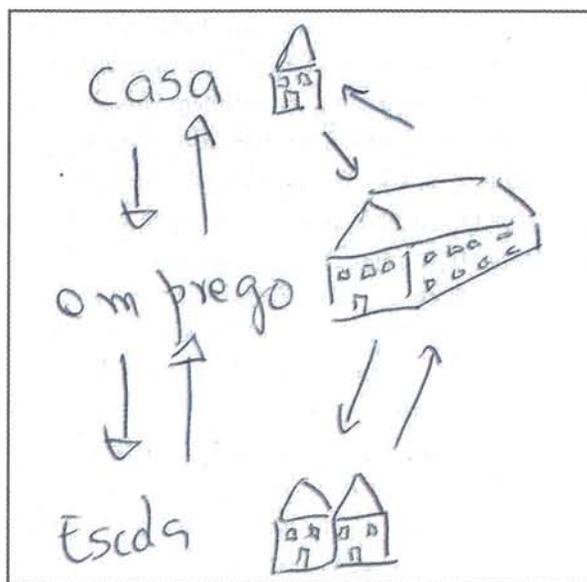
3. Configuração representacional do espaço urbano no quadro de uma ordem simbólica suspensa por parte dos estudantes do ISCET [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCET, 2011].

3. As vivências metropolitanas dos alunos do ISCET

É consensual a importância do automóvel enquanto uma das principais forças de transformação da cidade do século XX. O reforço da mobilidade, em especial através do uso do automóvel individual, permitiu aos indivíduos e aos agregados familiares fazerem opções residenciais e de consumo mais diversifi-

cadras, numa extensividade espacial sem precedentes. Os cidadãos deixaram de residir no centro das cidades tradicionais. O comércio perdeu a proximidade à população residente e os serviços a proximidade às empresas. Entretanto, a cidade congestionou e, sem capacidade de circulação e de estacionamento, perdeu a centralidade urbana que antes tinha. A mobilidade passa a ser central nas vivências urbanas e explicita-se através do enaltecimento das representações territoriais estruturadas pelas redes viárias e pelos complexos fluxos sociais que estruturam os quotidianos.

A grande maioria dos circuitos dos alunos do IS CET (casa-escola, casa-trabalho ou casa-espacos de lazer) são feitos através do automóvel, assim se estabelecendo não só uma percepção diversa do ambiente urbano, mas 'efeitos de túnel'² entre local de habitação, de escola, ou de trabalho. Na nossa acepção, o



4. Configuração representacional do espaço urbano sob influência da mobilidade por parte dos estudantes do IS CET
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

² Hillier situa o fenómeno que apelida de *sistema puro de origem-destino* no contexto da perda de energia e efeitos colaterais do movimento urbano, causada pela passagem de um sistema urbano denso para um que é disperso e fragmentado: «Se nos passamos a mover num sistema urbano que era denso e nucleado e agora é disperso e fragmentário, é óbvio que a duração das viagens (...) aumentará. É menos óbvio, mas igualmente verdade, que o efeito subproduto também será diminuído. Com o aumento da dispersão, torna-se cada vez menos provável que os locais ligados beneficiarão do subproduto do movimento. Com efeito, à medida que aumenta a dispersão, o sistema de movimento torna-se mais um sistema de origem-destino puro. Em vez de uma viagem

'efeito túnel' (figura 5), a desatenção que uma pessoa mostra perante a envolvente urbana enquanto circula num meio de transporte mecânico, é exactamente o que causa a referida invisibilidade espacial. Os alunos do ISCET, como provavelmente outras populações expostas a situações semelhantes, *não vêem* o espaço urbano que os rodeia quando circulam entre as *ilhas* que constituem a sua origem e o seu destino principais. Esta imagem produz fragmentação e inclusivamente segregação, pois agudiza-se um padrão representacional de diferenças sociais no espaço urbano alargado, fazendo emergir espaços dispersos, mono funcionais, de oposição, de evitamento, na linha das *edge cities* (Garreau, 1992).

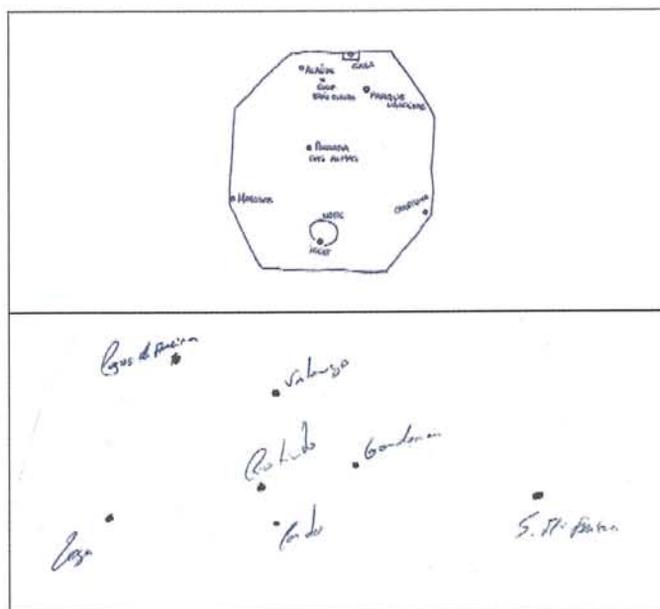
O movimento, o fluxo de pessoas e de bens pelo tecido urbano, é referido por vários autores como determinante para a compreensão da forma urbana e das relações que aí ocorrem. Alguns alunos do ISCET representam a complexidade do espaço metropolitano através de uma linha de forma rectilínea (entre a casa e o destino) ou de circuitos mais ou menos complexos (figura 5 e 6). Mas os indivíduos também se deslocam, realmente ou virtualmente, em diferentes universos sociais construindo um *hipertexto*, pois os indivíduos pertencem simultaneamente a vários *textos* (ou *layers*) e deslocam-se de forma instantânea de uns para os outros. Algumas redes são hierarquizadas, outras são malhadas, outras estão fragmentadas. Assim, os actores sociais deslocam-se em todos os sentidos, com diferentes motivações, e em função das horas e dos dias. A mobilidade passa a ser central nas vivências urbanas e explicita-se através do enaltecimento das representações territoriais estruturadas pelas redes e pelos meios de transporte ou saídas da auto-estrada (figura 6).

Este olhar sobre o espaço assume o espaço urbano como uma estrutura simbólica portadora de um conjunto de sinais e de referências que permitem o estabelecimento de relações entre a sociedade e o espaço. Assim, a cidade como lugar de realização humana, e, acima de tudo, como centralidade simbólica, parece uma fórmula do passado. Também associada aos crescentes imperativos de mobilidade, anuncia-se a crescente extensão quantitativa e qualitativa dos limites da cidade, isto é, por imperativos de troca e de fluxos, a cidade transpõe fronteiras, e o entendimento teórico da interacção entre a malha e a forma construída é fundamental para a consideração tanto das cidades emergentes como áreas urbanas em desenvolvimento contínuo, tornando as suas

com o objectivo de realizar uma série de propósitos, mais viagens, cada uma com o objectivo de alcançar menos propósitos, devem ser feitas para atingir os mesmos objectivos. Estas são as razões básicas para que as pessoas viajem mais longe no país, e porque a maioria dessas viagens extra é feita em carros particulares» (Hillier, 1996: 178).

vias ou edifícios veículos privilegiados de implantação dessa continuidade física e mesmo simbólica.

Concomitantemente, os processos de construção da metrópole parecem fazer emergir urbanizações que se alimentam de uma simbologia de identidade própria que, em termos de uma leitura semiológica mais ou menos evidente, tendem a produzir-se como unidades urbanas aparentemente autónomas. E assim se reproduzem ‘ilhas mentais’, que por vezes dificultam, outras vezes ajudam, a leitura da cidade complexa. Por via dessa interpretação os alunos do IS CET contribuem, assim, para a difusão de ilhas urbanas (figura 7), no interior de uma cidade cada vez mais descontínua. De facto, defendemos que a ausência de uma estratégia relativamente a este fenómeno dificulta a progressão de mecanismos de identidade e consolidação de uma imagem para o posicionamento da metrópole perante si própria e perante o exterior. Uma multiplicidade de ilhas, pode criar o ‘caos’, e não contribuir para a identidade cultural metropolitana, o que evidencia a necessidade de actuar na visualização das funções sociais e emocionais em prol de um projecto colectivo (Hall, 2003; Leary & Tangney, 2003). O espaço não é feito de estruturas mas de relações. Nesta geografia relacional as cidades e as regiões são vistas «como sítios de múltiplas geografias de filiação, ligação e fluxo» (Amin, 2004: 34).

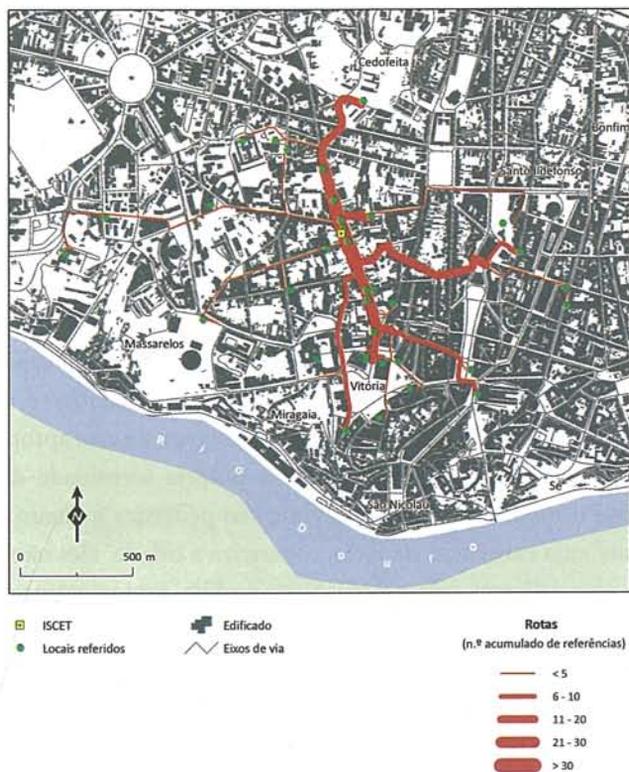


7. Representação das vivências metropolitanas – «ilhas mentais»
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

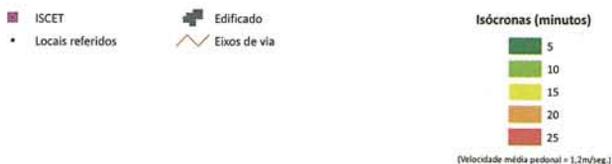
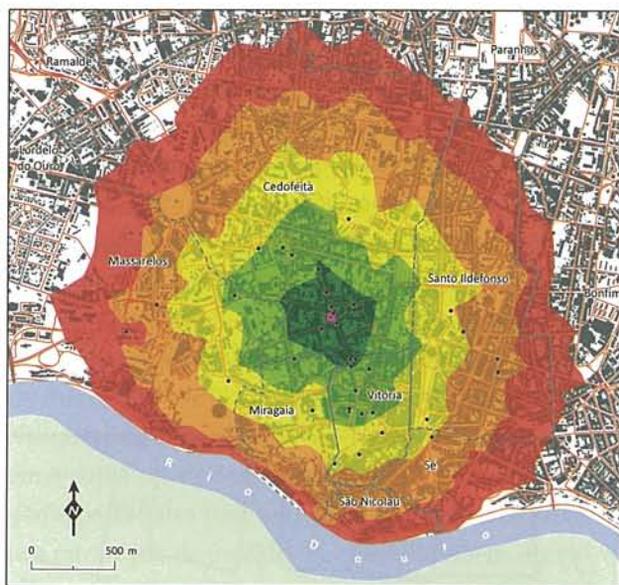
As encruzilhadas epistemológicas despoletadas pelas representações levar-nos-ão também a equacionar a dimensão e o alcance do olhar das populações acerca do espaço. O espaço assume-se como bússola quotidiana cujas vivências a uma escala micro podem resvalar em tendências de entendimento a uma escala macro. O espaço público tem um papel agregador à micro-escala e à macro-escala regional. Cabe desde logo referir que, justamente, o conceito de espaço público é para nós considerado abrangente e assim deve ser considerado para poder obter maiores níveis de eficácia na consolidação de uma legibilidade e de uma imaginabilidade urbanas. Espaço público é, assim, a rua, a avenida, a alameda, a praça urbana, e, também, o parque ou o jardim. Deste modo, a partir dos espaços públicos, a cidade como um todo, e não como fragmentos justapostos, passa a ser reapropriada como espaço de lazer e fruição pela população. Fazer com que as pessoas redescubram os espaços de circulação, de lazer ou quotidianos, concorrerá para garantir a prossecução de variados objectivos. Através do privilégio dos usos pedonais, contribui-se para a promoção de uma percepção do contexto físico e vivência. No consumo de bens, «as maneiras de fazer quotidianas» implicam sempre apropriações e significações. Assim, o quotidiano será um lugar marcado pelo espaço e o tempo construídos (Certeau, 1990). No quotidiano, construímos a nossa existência como percepção da nossa humanidade e como percepção da identidade e da diferença que estabelecemos com os outros. Assumem aqui particular destaque as «retóricas pedestres» assinaladas por Certeau (*idem*) que fazem com que estejamos perante ruas feitas por pessoas que lhes retornam com sentidos (da cidade, do bairro, da própria rua), capazes de conferir especificidades aos indivíduos que delas participam.

Assim, com Certeau, reiteramos que é no quotidiano que se realizam (constroem e vivem) as identidades. O *andar a pé* (*as retóricas pedestres*) é, assim, uma forma de apropriação, mais que uma simples passagem, e é essa apropriação que redimensiona o impacto da cidade sobre a própria identidade do cidadão. Como conclui o mesmo autor «os movimentos pedestres formam um desses 'sistemas reais' cuja existência, de facto, concretiza a cidade. Eles não são localizados, antes espacializam» (*idem*, 145). Neste âmbito, representamos os locais e os espaços de apropriação quotidiana dos alunos do IS CET (figura 8). A escala de vivência urbana no entorno do IS CET é limitada espacialmente, vertebrada pela rua de Cedofeita, com poucas ramificações e restringida a poucas referências. Portanto, existe um quotidiano estudantil estruturado (e mesmo na gravitação intensa) em torno do estabelecimento de ensino, porventura facilitado pela centralidade simbólica, económica e lúdica do referido estabelecimento. Se

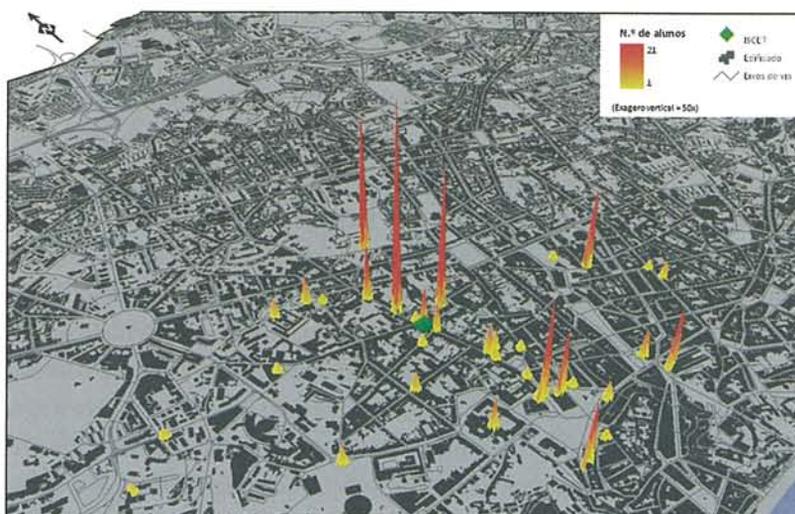
analisarmos os locais referidos pelos respondentes e a sua intensidade de vivência, podemos ainda comprovar este dado (figura 10), pois é na proximidade do ISCET que são feitas as principais referências, evidenciando a centralidade do espaço escola nas vivências, mas ainda a possibilidade de um preenchimento quotidiano cabal nas suas proximidades. Aqui, poderemos equacionar o relevo da condição particular de estudantes, considerando a sua maior predisposição a uma vinculação espacial intensa e tutelar. O espaço projectado para a vivência proximidade (isócronas dos 10 ou 15 minutos) é pouco frequentado (figuras 9 e 10), sendo que os mais representados correspondem ao Pingo Doce de Cedofeita, à Faculdade de Direito da Universidade do Porto, ao café «Piolho», ao restaurante Lameiras (Cedofeita), à Reitoria da Universidade do Porto e ao café Suave, todos a uma distância inferior a 10 minutos. Acima desta distância tempo a intensidade e o número de referências decai acentuadamente, destacando-se apenas a estação de S. Bento e a estação do Metro da Lapa, tendo em conta o número de vezes que aparecem representadas.



8. Espaços de maior vivência (ruas e locais), na proximidade do ISCET
 [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCET, 2011].

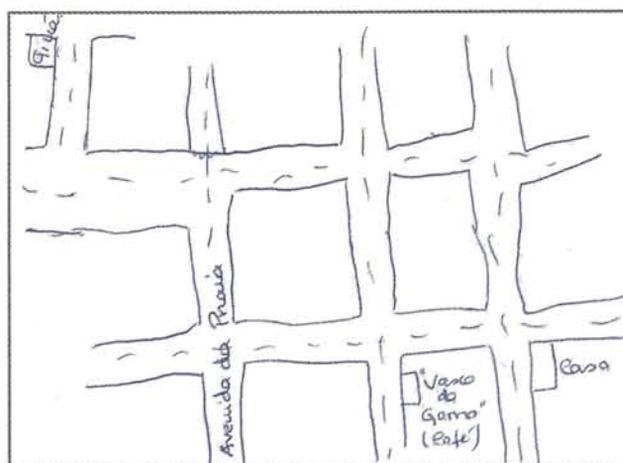


9. Acessibilidade pedonal aos locais de referência, na proximidade do IS CET
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].



10. Locais e intensidade de vivência nas proximidades do IS CET
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

Reflectindo a escala de vivência urbana de proximidade (da escola, da residência ou do local trabalho), verificamos que «as transformações metropolitanas minam de certa forma as sociabilidades baseadas na proximidade física, esbatem a vizinhança» (Ascher, 1998: 97). Se por um lado as relações com o espaço físico de proximidade (figura 11) são eventuais e desligadas das práticas de maior vivência urbana, por outro as redes de amizade estabelecem-se prioritariamente a partir do local da escola (ou de trabalho ou dentro da família) e não por proximidade física residencial. Assim, a intensidade da vida urbana despoletou o enfraquecimento das sociabilidades em torno do parentesco e da vizinhança (Tönnies, 1942; Asher, 1998).



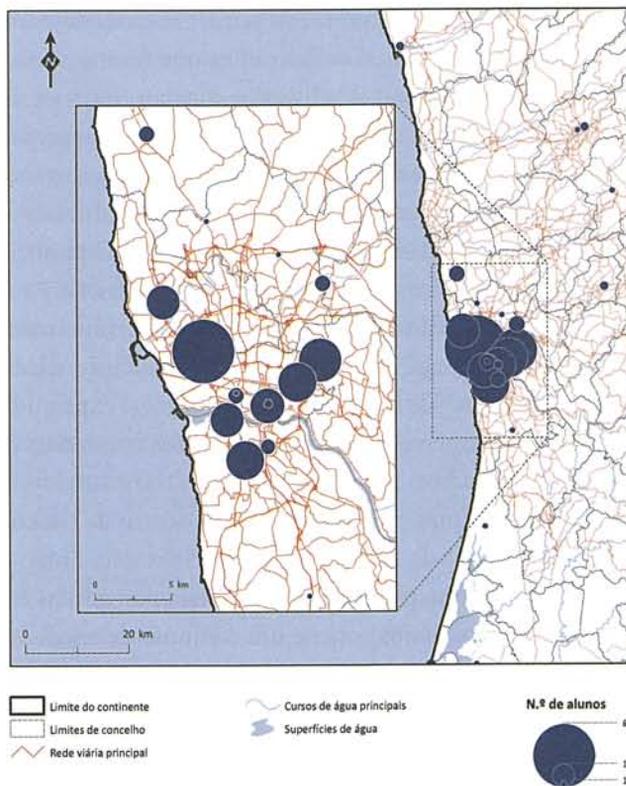
11. Representação das vivências urbanas – «relações com o espaço físico de proximidade» [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

Considerando agora um quadro representacional que poderemos apelidar de regional, que sai do registo propriamente micro, importa ilustrar e compreender a estruturação e configuração da imagem metropolitana dos estudantes do IS CET. No passado, a percepção do espaço era marcada predominantemente pelas igrejas; agora as referências socioterritoriais têm escalas e funções muito descontínuas. O centro comercial domina nas vivências metropolitanas (figuras 12 e 13). Modificando a organização do espaço urbano, o comércio abriu-se a novas dimensões simbólicas, lúdicas e estéticas. O nível de fragmentação residencial atingido nas periferias da aglomeração permite a cada um aceder e fazer *zapping* de um centro comercial para outro. Na perspectiva da semiótica social do comércio discute-se o significado e o esplendor destes espaços, muitas vezes como se existissem forças autónomas capazes de deter-

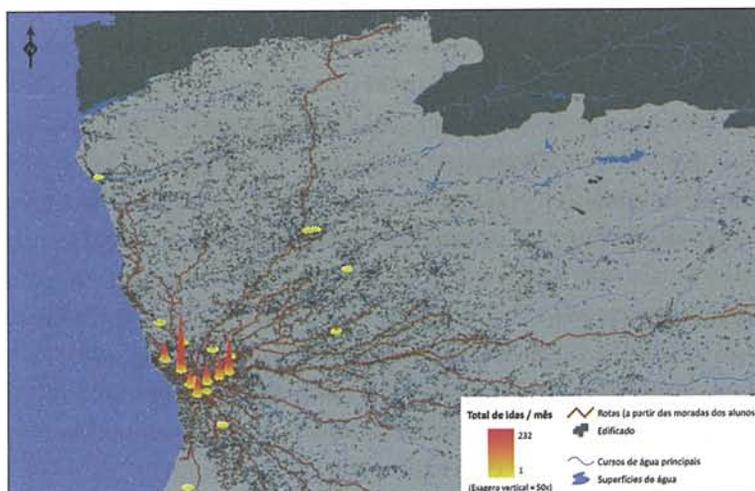
minar o comportamento social, como se os actores sociais desaparecessem por trás do simbolismo dos objectos. Consideramos que muitas vezes estas abordagens dão pouca atenção ao papel activo dos consumidores na selecção e na interpretação dos símbolos e das mensagens. Aqui, cabe-nos novamente remeter para Michel de Certeau quando advoga a importância na invenção do quotidiano de estratégias e táticas quotidianas face a estruturas de produção, organizadas globalmente e disseminadas massivamente (Certeau, 1990).

Os centros comerciais frequentados pelos alunos do IS CET (figura 12) ilustram o *zapping* metropolitano e esclarecem a importância destes lugares enquanto espaços de apropriação metropolitana. No entanto, a intensidade de frequência (n.º alunos x n.º de idas x n.º horas, por mês) exprimida pelo NorteShopping, comparativamente com os outros centros comerciais (figuras 13 e 14), ilustra bem o papel activo dos consumidores. Os consumidores são sujeitos activos e não espectadores passivos, que agem dentro de relações de poder que os conecta a estratégias de produção e comercialização. Então, o consumo tem que ser visto como uma prática que é moldada por muitas forças, materiais e simbólicas. Estamos assim perante um conjunto de relações sociais que se inscrevem num espaço onde estão associados, de forma muito directa, um espaço ou um quadro de interacção, uma configuração social, e, inevitavelmente, uma estrutura cultural. Num cenário destes, é legítimo dizer-se que o espaço social existe em função dos pontos de vista, isto é, a sua multivocalidade está inerente à sua multilocalidade, enquanto construções sociais que se reflectem nas práticas sociais ordenadas no tempo e no espaço.

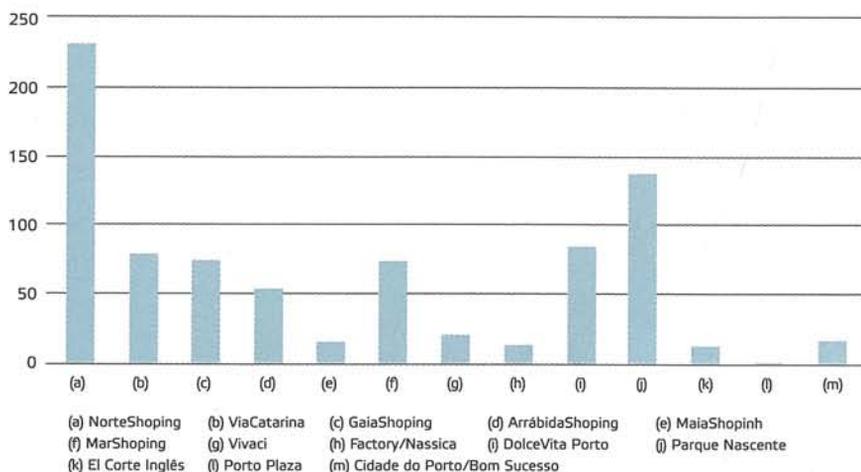
Com Soja, a pós-metrópole pode ser vista como «uma variação distintiva dos temas da reestruturação gerada pela crise e do desenvolvimento geo-histórico desigual que têm configurado (e reconfigurado) os espaços das cidades desde as origens do capitalismo urbano-industrial» (Soja, 2000: 148). Ao mesmo tempo, «a metrópole pós-moderna, pós-fordista e pós-keynesiana representa algo significativamente novo e diferente, o produto de uma era de reestruturação intensiva e extensiva intensa» (*idem*, 148): duplo movimento de desterritorialização e de reterritorialização. Serão estes espaços os novos *agoras*? Música, imagem, corpos e interacções parecem estar no âmago destas «novas» territorialidades que se situam no âmago da cidade. Assim, os tempos parecem estar a mudar. O tempo é de policentrismo e esta multicentralidade não exclui o centro antigo. As dificuldades de estacionamento e de circulação automóvel diminuíram, e concomitantemente estes espaços urbanos continuam a ser os melhores servidos pela rede pública de transportes e por uma importante oferta de equipamentos culturais. São, sobretudo, espaços de



12. Centros Comerciais frequentados pelos alunos do IS CET
 [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].



13. Intensidade de frequência aos Centros Comerciais (total de horas/mês), dos alunos do IS CET
 [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].



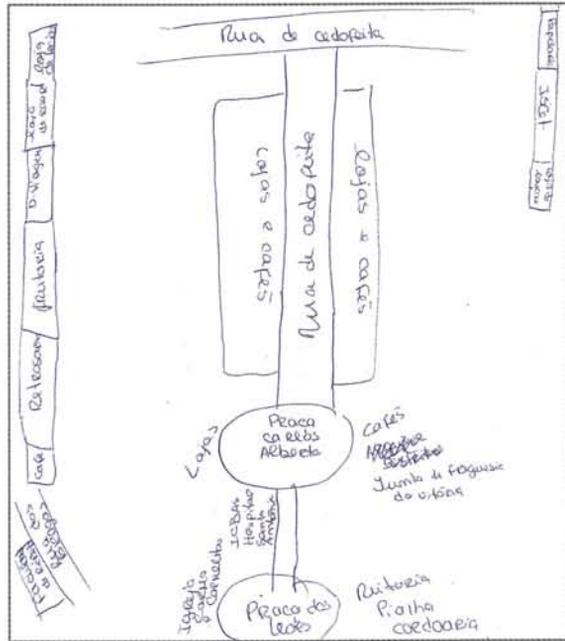
14. Frequência mensal dos Centros Comerciais (total de idas/mês) por parte dos alunos do IS CET
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

grande densidade simbólica, o que potencia um conjunto de actividades e economias criativas (Laundry, 2005), e de realização, numa esfera de grande liberdade cultural e civilizacional (Fortuna & Silva, 2002).

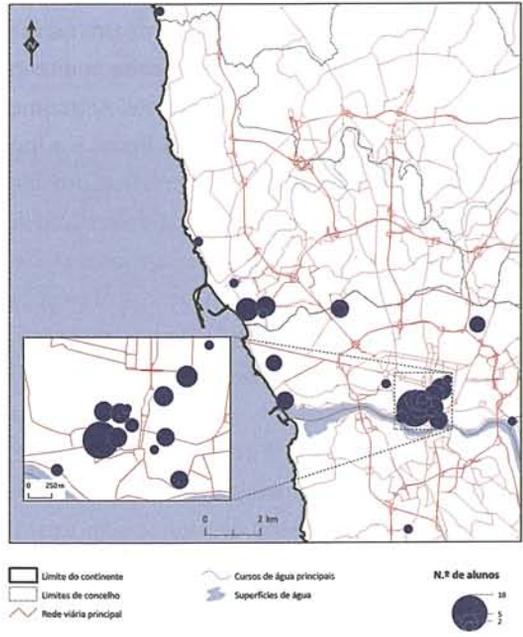
A ilustração deste retorno ao centro antigo aparece mapeada nas vivências urbanas dos alunos do IS CET (figuras 15, 16 e 17). Sabe-se que os fenómenos sociais são, para além de outros aspectos, dotados de um carácter inter-relacional, remetendo-nos para um conjunto de processos como interacção social, comunicação simbólica, situação de co-presença, etc. Actualmente, o centro da cidade do Porto (Quarteirões Piolho-Galerias de Paris) é o lugar de referência das vivências urbanas nocturnas, entendido como espaço de sociabilidade e convivialidade metropolitana. Atrai uma massa populacional de grande dimensão, pois as ruas e as praças estão repletas de consumidores muito diversificados em termos sociais e culturais.

Pelo menos desde Henri Lefebvre (1981) que é conhecida a interdependência e a intermediação entre «práticas espaciais materiais» (físico), «representações do espaço» (mental) e «espaços concebidos» (social). As três modalidades do espaço (*vivido*, *percebido*, *concebido*) coexistem na cidade para fazer dela um espaço poliédrico e pluridimensional (Lefebvre, 1981; Soja 1996). O espaço participa activamente na espacialização das práticas sociais. É na intersecção destas dimensões que se poderão ler as novas configurações urbanas onde se situam os «novos» espaços de fruição espacial.

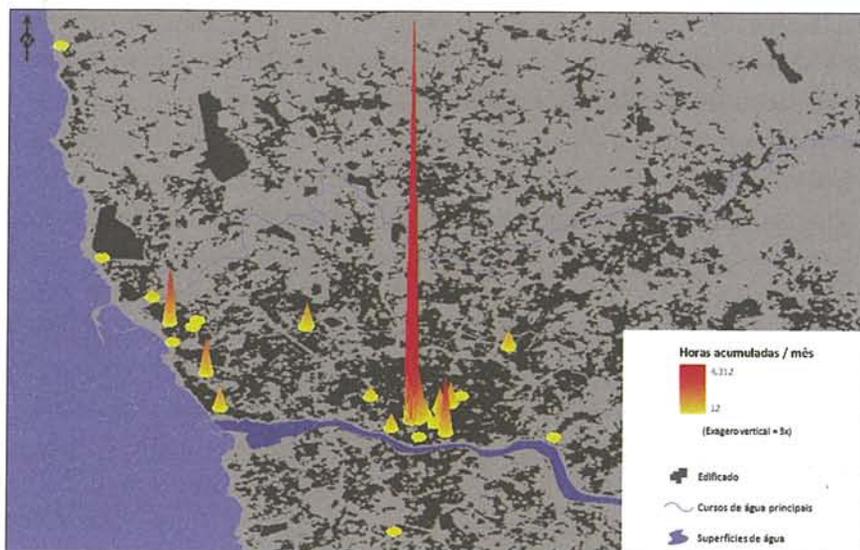
Nos últimos anos, as novas tecnologias, nomeadamente, o telemóvel e a internet, vieram multiplicar as formas de interacção, e ampliar a forma e o



15. Representação das vivências metropolitanas – «a cidade comercial, lúdica e convívial» [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCTE, 2011].



16. Estabelecimentos de diversão (cafés, bares, discotecas) frequentados pelos alunos do ISCTE [Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCTE, 2011].

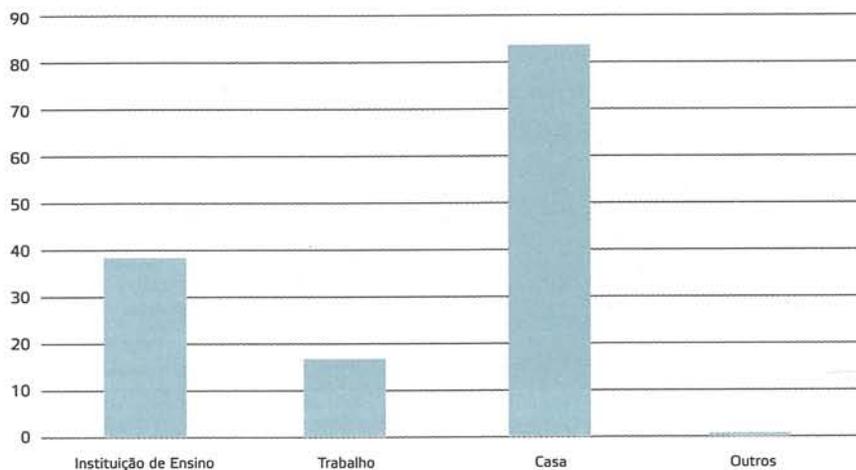


17. Intensidade de frequência aos estabelecimentos de diversão (total de horas/mês), dos alunos do IS CET
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», IS CET, 2011].

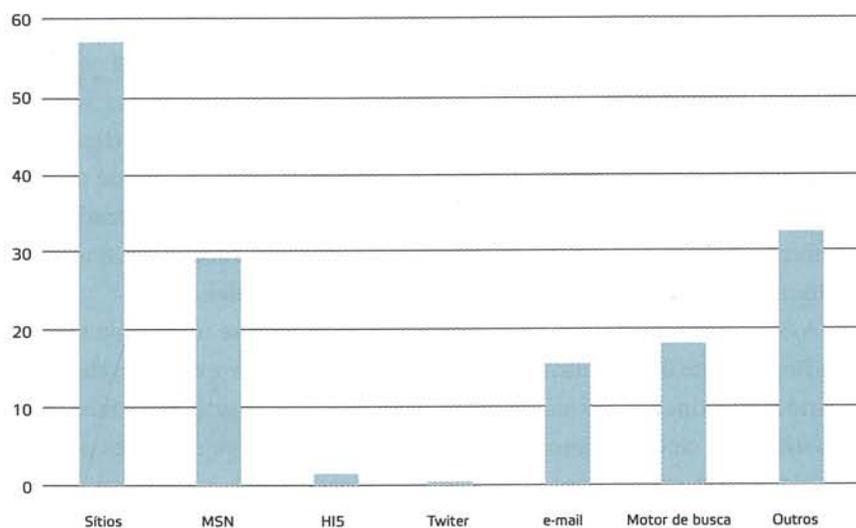
alcance deste processo, e simultaneamente, possibilitaram redefinir a noção de co-presença. No entanto, convém salientar que a co-presença directa continua a ter um peso significativo e fundamental ao nível das práticas sociais e relações sociais. Embora as relações sociais tenham subjacente a interacção, no sentido em que implicam reciprocidade entre actores sociais, algumas delas acentuam o carácter de relações de sociabilidade, como as conversas informais, os grupos de pares, as redes de vizinhança... Por isso, a mediação tecnológica na interacção e na comunicação é uma constante na vida destes estudantes (figura 18), mostrando a sua forte presença quotidiana na casa e na escola, o que terá evidentemente implicação na redefinição dos encontros e dos seus conteúdos, mas também da frequência e alargamento de relações de interacção face a um contexto urbano pleno de oportunidades e multiculturalidades.

A frequência dos espaços lúdicos urbanos apresenta-se como uma reactualização presente dos anteriores espaços de convivialidade e de lazer, desempenhando funcionalidades idênticas, mas baseando as suas acções numa nova materialidade correspondente ao campo de aspirações e de universos possíveis dos actores em presença, predominantemente jovens (pese embora a plasticidade e amplitude cada vez mais dilatada desta condição), portadores de recursos culturais, simbólicos, sociais e económicos de acesso à cidade. Não deixa de ser importante referir a relevância dos diferentes canais de acesso à rede digi-

tal (figura 18), referidos pelos alunos do ISCET e designadamente a relevância dos 'sítios' numa busca ávida por informação e conhecimento neste contexto de modernidade tardia radicalizada.



18. Locais de acesso à internet, pelos alunos do ISCET (em % relativamente ao total de inquéritos)
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCET, 2011].



19. Sítios da Internet mais acessados pelos alunos do ISCET (em % relativamente ao total de inquéritos)
[Fonte: Inquérito «Espaço e Tempo no Território Contemporâneo», ISCET, 2011].

4. Conclusão

Partindo de diferentes e subjectivas realidades construídas a partir das representações territoriais por parte dos estudantes do IS CET, pretendemos dar conta de eixos estruturantes de representações simbólicas e sociais do espaço metropolitano e urbano constituinte do quadro de referência destes agentes sociais. No âmbito deste exercício, defendemos a pertinência das representações enquanto momento fundamental de cidadania e de participação no fazer da cidade e do metapólis, ressaltando os processos de produção-apropriação simbiótica num quadro de mudança acelerada de paradigmas e de contextos territoriais.

Os territórios de apropriação dos estudantes do IS CET são marcados por mobilidade, fluxos e comunicação, responsáveis pela estruturação dos seus espaços quotidianos. Relevam-se complexos circuitos num ambiente de grande mobilidade, próprios da contemporaneidade, levando à prefiguração de representações que sobrelevam o «efeito túnel». Este quadro representacional traduz uma percepção fragmentada e uma imagem algo estilhaçada do espaço metropolitano, numa descontinuidade de referências. A representação do espaço metropolitano aparece através de uma linha de forma rectilínea entre a casa e o destino ou o esboço de circuitos mais ou menos complexos. Concomitantemente, também se observaram deslocações reais ou virtuais em diferentes universos sociais, constituindo um registo de *hipertexto* possuidor de diferentes *textos*. Perante os resultados dos inquéritos realizados, podemos concluir que os alunos do IS CET não perspectivam ainda as vantagens globais que lhes podem advir *da e na* região metropolitana num quadro de realidade espacial global rica e fecunda.

Paralelamente, também observamos processos de construção da metrópole que vazaram imagens que se sustentam numa simbologia de identidades próprias, unidades urbanas aparentemente autónomas – as ‘ilhas mentais’. Estas representações acentuam a importância de uma cidade complexa e descontínua reconstruída do quadro do espaço social em análise.

Do desenho representacional da configuração urbana metropolitana dos estudantes do IS CET tomam particular relevo os centros comerciais, enquanto lugares ampliados de consumo, mas também de sociabilidades, de novos diálogos culturais e de importância simbólica na estruturação de uma nova memória colectiva, atestando mecanismos bem importantes de *zapping* metropolitano que denotam processos intensos de recriação de memórias e de espaços.

Também é possível evidenciar, no contexto das representações da cidade, uma espécie de regresso ao centro. Regresso carregado de simbolismo, mani-

pulado pela crescente atractividade de novos *agoras* sociabilitários, culturais e lúdicos. Finalmente, não podemos deixar de relevar a importância das novas modalidades de comunicação mediadas pela tecnologia, designadamente a internet, na estruturação dos quotidianos e consequentemente no esboço de estruturas representacionais em torno do espaço. Estas ferramentas e o seu uso intensivo de carácter quotidiano levarão aliás a equacionar a reinvenção de contextos de comunicação, não subvertendo mas mudando contextos de interacção em co-presença.

Vale a pena notar que estas identidades construídas a partir da origem espacial se expressam em relações de alteridade, articulando outros elementos, entre os quais sobressaem a escola, a casa e os tempos livres, eixos estruturantes dos quotidianos de vida juvenis. Assim, poderemos dizer que «uma cidade contém muitas cidades, cada uma com a sua verdade própria» (Durán, 1998: 54) sobretudo porque as «cidades e regiões são vistas como sítios de heterogeneidade justaposta com vizinha proximidade espacial, e como sítios de múltiplas geografias de afiliação, ligação e fluxo» (Amin, 2004: 38).

Referências Bibliográficas

- AMIN, A., THRIFT, N. (2002), *Cities: Remaking the Urban*, Cambridge, Polity Press.
- AMIN, A. (2004), «Regions unbound: towards a new politics of places», in *Geografisker Annaler*, 86B: 33-44.
- ASCHER, François (1998), *Metapolis – acerca do futuro da cidade*, Oeiras, Celta Editora.
- ASCHER, François; APPEL-MULLER, Mireille (2007), *La rue est à nous... tous!* Paris: Au diable vaubert. Livre-catalogue.
- AUGÉ, Marc (1998), *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- BAUDRILLARD, Jean (2007), *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- BENJAMIM, Walter (1997), «Paris, capital do século XIX», in FORTUNA, Carlos (org.) – *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, pp. 67-80.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.
- BOURDIEU, Pierre (2006), *As estruturas sociais da economia*. Lisboa: Campo das Letras.
- BURKHARD, R. (2008), «Visualizing Desires, not Cities», in Thierstein, A. Forster (ed.), *The Image and the Region – Making Mega-City Regions Visible!*, Lars Muller Publishers.
- CACCIARI, Massimo (2009), *A cidade*. Barcelona: Gustavo Gili.

- CAMPOLI, J., MacLean, A. (2007), *Visualizing Density*. Lincoln Institute of Land Policy.
- CERTEAU, Michel de (1990), *L'invention du quotidien. Vol. 1: Acts de faire*. Paris: Union Générale d'Éditions.
- DEAR, M. (2000), *The Postmodern Urban Conditions*. Oxford: Blackwell.
- DEBORD, Guy (1992), *La société du spectacle*. Paris: Gallimard.
- DURÁN, Maria-Angéles (1998), *La Ciudad Compartida*. Madrid: Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España.
- ELIAS, Norbert (2000), *O processo civilizacional*. Lisboa: Publicações Dom Quixote (vol. 1 e 2).
- FORTUNA, C.; SILVA, A. S. (orgs.) (2002), *Projecto e circunstância: culturas urbanas em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- GARREAU, J. (1992), *Edge City: Life on the new frontier*. Anchor Books.
- GASKELL, George (ed.) (2000), *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook*. Londres: Sage publications.
- GASPAR, J. (1999), Economic Restructuring and New Urban Form. *Finisterra*. XXXIV (67-68), pp. 131-152.
- GUERRA, P. (2003), «A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo», in *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras do Porto*. 13, pp. 69-119.
- HABERMAS, Jurgen (1987), *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris: Fayard. 2 vols.
- HALL, P. (2001), «Global City-Regions in the Twenty-First Century», in Allen Scott (ed.), *Global City-Regions: Trends, Theory, Policy*. Oxford: Oxford University Press, pp. 59-77.
- HALL; Stuart (ed.) (2003), *Representations: cultural representations and signifying practices*. London: Sage Publications.
- HILLIER, Bill (1996), *Space is a Machine: a Configurational Theory of Architecture*. Londres: Publisher: Space Syntax.
- LANDRY, Charles (2005), *The creative city*. Londres: Earthscan Publications.
- LASH, Scott; URRY, John (1994), *Economies of signs and spaces*. Londres: Sage Publications.
- LEARY, M. R.; TANGNEY, J. P., eds. (2003), *Handbook of self and identity*. Nova Iorque: Guilford Press.
- LEFEBVRE, Henri (1981), *La production de l'espace*. Paris: Éditions Anthropos.
- LYNCH, Kevin (1981), *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70.
- MANGIN, David (2004), *La ville franchisée. Formes e structures de la ville contemporaine*. Paris: Éditions de la Villette.
- MARQUES, T., GUERRA, P., SANTOS, H., SILVA, F. (2011), «Da Rua à Metrópole – morfologias, policentrismo e vivências urbanas», in *Simpósio A Rua de Todos*, Lisboa, MUDE.
- MARQUES, T., SILVA, F. (2010), *Metapolis em construção – uma análise multi-temporal e multi-escalar*, XII Colóquio Ibérico, Porto, FLUP.

- MASBOUNGI, Ariella (2009), *Organiser la ville hypermoderne*. François Ascher Grand Prix de l'urbanisme 2009. Marseille. Paris: Ed. Parenthèses.
- PAIS, J. M. (2002), *Sociologia da Vida Quotidiana. Teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- SILVA, F., MARQUES, T. (2010), «The study of Urban Growth through Multi-temporal Cartography and Spatial Indicators: the case of Porto Region, Portugal», in *17th Conference International Seminar on Urban Form – Formation and Persistence of Townscape, Hamburg and Lubeck*.
- SIMMEL, G. (1986), *Sociología, 2 – Estudios sobre las Formas de Socialización*. Madrid, Alianza Editorial.
- SOJA, Edward W. (1996), *Thridspace: Journey to Los Angeles and Other Imagined Places*, Oxford, Blackwell.
- SOJA, Edward W. (2000), *Postmetropolis. Critical studies of cities and regions*. Oxford: Blackwell.
- TÖNNIES, F. (1942), *Principios de Sociología*. México: Fondo de Cultura Económica.